Processos de criação musical: construindo caminhos no Programa Escola Integrada

Douglas Domingos
UFMG – douglas-domingos@hotmail.com

Jussara Fernandino
UFMG - jussara@musica.ufmg.br

Resumo: O trabalho versa sobre o projeto *Oficina de Música: Escola Integrada*, participante do *Programa Escola Integrad*a, proposta de educação integral da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Tem como objetivo descrever os processos de criação musical desenvolvidos em uma das escolas participantes, por meio de um relato de experiência. Apresenta, ao final, os aspectos considerados relevantes para o bom êxito das propostas a que o projeto se propôs alcançar, constatando que os processos de criação são os que mais têm contribuído para o crescimento do projeto, diante dos desafios da realidade escolar no contexto em questão.

Palavras chave: Criação musical, Educação integral, Música na Educação Básica

O Projeto Oficina de Música: Escola Integrada

A Educação Integral apresenta uma proposta de ensino voltada para o aumento da jornada escolar. É importante observar, contudo, que não se deve considerá-la apenas como um aumento quantitativo na permanência diária dos alunos na escola, mas como uma proposição que valoriza o "diálogo entre diversos saberes: os gestados nas experiências sociais do dia a dia e os historicamente sistematizados pela sociedade" (LEITE et al., 2015, p. 46).

Dentro dessa concepção, o *Programa Escola Integrada*, como política educacional desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) da Prefeitura de Belo Horizonte, aumentou o tempo de permanência dos alunos do Ensino Fundamental participantes do programa para nove horas diárias. As oficinas funcionam no contraturno escolar e oferecem atividades diversas, sendo a carga horária dividida em 60% para as áreas de "Acompanhamento pedagógico e "Conhecimentos específicos" e os outros 40% para "Formação pessoal e social" e "Cultura, artes, lazer e esportes" (GUIMARÃES et al., 2010, p. 29).

Devido à ocupação do espaço da escola pelos alunos do turno regular, as aulas da Escola Integrada ocorrem na maioria das vezes em outros locais próximos à escola, ocorrendo também aulas em forma de passeios e excursões. Isso se dá por meio de parcerias e termos de cooperação com demais setores da sociedade.

De 2006 a 2014 funcionou uma parceria entre a SMED e a Universidade Federal de Minas Gerais. Na Universidade, o programa era coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão e pela Faculdade de Educação, e contou com a participação de várias unidades acadêmicas oferecendo diferentes práticas educativas nas escolas municipais participantes. Nesse período, além das oficinas para as crianças e os adolescentes, foram organizados eventos regulares de orientação, apoio e formação aos diferentes participantes do programa – professores-bolsistas (alunos de Graduação), docentes-orientadores, e coordenadores, tanto da UFMG quanto da SMED, o que garantiu um bom funcionamento da proposta naquela ocasião.

A Escola de Música da UFMG, tendo participado desta parceria, continuou com sua proposta mesmo após a finalização do convênio, por meio do projeto de extensão *Oficina de Música: Escola Integrada*, no qual se insere o relato do presente trabalho. Esse projeto é integrado à disciplina do curso de Licenciatura em Música *Planejamento B: Musicalização no Ensino Fundamental*, que tem como função, além de orientar os bolsistas participantes, promover a interação entre a Licenciatura e a realidade escolar.

Nos primeiros contatos do projeto com o *Programa Escola Integrada* foi constatado que o acervo de atividades comumente empregadas na Educação Musical não se demonstrava eficaz naquele momento, devido à especificidade do contexto. Dentre fatores que interferiam negativamente no desenvolvimento da proposta constavam: número excessivo de alunos, espaços físicos inadequados, insuficiência de equipamentos e instrumentos musicais, indisciplina, inconstância na frequência dos alunos por participação em demais atividades como o dever de casa, festas e excursões escolares, dentre outros (FERNANDINO et al., 2016, p. 02).

A partir de um gradativo entendimento daquela realidade, o que no início se dava por tentativa e erro com o tempo foi desenvolvendo meios de elaboração e maior nível de sistematização, viabilizando a proposição de diretrizes e o planejamento de ações, principalmente após a integração do projeto com a disciplina *Planejamento B: Musicalização no Ensino Fundamental.* Assim, as práticas da Educação Musical ganharam alcance no projeto. Tendo sido verificado que os processos criativos eram os que mais contribuíam para o crescimento do projeto, o presente trabalho fundamentou-se em algumas práticas das pedagogias musicais com esse teor: Carl Orff (jogos improvisativos, estruturas com ostinatos), Murray Schafer (Paisagem sonora, Limpeza de ouvidos) e John Paynter (projetos de criação). A proposta teve como base, ainda, os pressupostos da *Aprendizagem Criativa*, na qual "a criatividade musical consiste em atividade contextualizada" ocorrendo a compreensão e a construção de significados pela troca e transformação dos conteúdos, a partir das interações entre os pares e da criação colaborativa (BEINEKE, 2012, p. 53-54).

Assim, com o objetivo de explanar a participação do primeiro autor deste trabalho em sua experiência como bolsista no projeto *Oficina de Música: Escola Integrada,* o texto passará, a seguir, para a primeira pessoa do singular, relatando os caminhos encontrados e construídos

com relação à criação musical, aspecto este que tem se demonstrado uma importante estratégia para um melhor desempenho das propostas de Educação Musical no âmbito do *Programa Escola Integrada*[1].

Os trabalhos iniciais na Escola Municipal Lídia Angélica

Minhas atividades na Escola Municipal Lídia Angélica, situada em Belo Horizonte, se iniciaram em 2015. O espaço físico voltado para as oficinas de música se dava em duas casas alugadas pela Prefeitura, que já continham alguns instrumentos disponíveis como alguns violões, um teclado e instrumentos de percussão. Iniciei as aulas com jogos musicais e brincadeiras de integração, aprendidas durante as orientações na disciplina *Planejamento B: Musicalização no Ensino Fundamental*. Como já havia tido uma experiência anterior no Programa bastante difícil, notei que nessa escola os alunos reagiam bem e se mostravam abertos às aulas e atividades propostas, e os poucos casos de "indisciplina" não excediam a normalidade.

Trabalhei atividades de musicalização utilizando os instrumentos que a escola dispunha e também com a apreciação musical, levando músicas de um repertório muitas vezes diferente do que os estudantes estavam habituados a ouvir. Na maioria das vezes em forma de vídeos com histórias sobre gêneros musicais, sobre luteria e fabricação de instrumentos, sobre grupos e apresentações musicais, dentre outros. Estes vídeos se constituíam uma estratégia adotada pelo projeto, não somente como alternativa à falta de equipamentos – observando que muitas vezes as escolas não possuem aparelhos de som adequados, mas contam com uma sala de informática com computadores –, mas também como forma de atrair o interesse das turmas, pois o recurso da imagem é uma forma de captar a atenção dos alunos, principalmente com relação aos alunos mais agitados.

[1] A descrição completa deste processo consistiu o Trabalho de Conclusão de Curso do primeiro autor (DOMINGOS, 2017), orientado pela Profª. Jussara Fernandino, também responsável pela disciplina *Planejamento B: Musicalização no Ensino Fundamental* e pela orientação do projeto *Oficina de Música: Escola Integrada*.

A formação de grupos musicais

A partir destes trabalhos iniciais, senti a necessidade de solicitar à coordenação da escola a compra de mais instrumentos que possibilitassem um maior aprofundamento dos alunos com as práticas musicais e, também, com o propósito de formar uma banda na escola. Após organizar e apresentar a listagem dos instrumentos à direção da escola, os novos instrumentos foram adquiridos com a devida aprovação da Prefeitura.

Dessa maneira, a Oficina de Música passou a dispor de uma bateria, um xilofone, várias flautas doces, mais instrumentos de percussão, mais um teclado, um violão elétrico e uma caixa amplificada. Com a chegada desses instrumentos, o espaço da sala que já não era amplo ficou ainda menor, já que as turmas do programa normalmente giram em torno de 25 alunos. Nas reuniões do projeto, foi orientado solicitar à coordenação da escola a divisão da turma em grupos menores, por causa da limitação do espaço e visando, também, à criação de um grupo musical composto por alunos voluntários que tivessem, de fato, real interesse pela Oficina de Música.

Realizei uma entrevista com os alunos do 5º. ao 8º. ano, selecionando os que demonstraram desejo em participar das aulas. Os demais foram encaminhados a outras atividades de seu interesse na escola. Notei que ocorreu uma melhora no trabalho devido ao menor número de participantes, com uma média de 10 alunos por turma e, também, por contar com participantes com maior nível de motivação pela prática musical.

Esse trabalho se iniciou com o desenvolvimento de repertório instrumental, composto por músicas populares que eram escolhidas juntamente com os alunos. Alguns já possuíam experiência musical anterior, seja na família, igrejas ou por meio de projetos sociais. E esse fato possibilitou trabalhar a utilização dos instrumentos de forma mais avançada.

No trabalho com os alunos menores, com idade entre 06 e 10 anos (1º. ao 4º. ano), não houve necessidade de separação de grupo voluntário, e as práticas realizadas eram mais voltadas aos jogos e às brincadeiras musicais, além de atividades de musicalização com canções e percussão corporal, que foram acrescidas de outras possibilidades com a chegada dos novos instrumentos.

Em geral, as aulas no projeto são iniciadas com jogos rítmico-corporais de "aquecimento", que além da disponibilidade corpórea, promovem a desinibição e a integração do grupo, buscando uma melhor sintonia para o fazer musical.

Os primeiros processos de criação

As primeiras práticas de criação trabalhadas com os alunos dos dois turnos consistiam em brincadeiras e jogos improvisativos, nos quais predominava a exploração das sonoridades vocais, corporais e de objetos presentes na sala. Atividades estas que possibilitavam introduzir aspectos diversos da linguagem musical, como parâmetros sonoros e suas variantes, por exemplo. Com a chegada dos instrumentos foi possível ampliar as atividades, com emprego de improvisos a partir de jogos de ostinatos e de diálogos sonoros.

Essas possibilidades eram discutidas na orientação da disciplina *Planejamento B: Musicalização no Ensino Fundamental* conforme a situação de cada turma, tendo como referência o material didático produzido no projeto, que no quesito Criação cita as seguintes indicações para o planejamento de atividades:

> **Composição / Criação musical (compor, improvisar)**
> - Trabalhar trilhas/sonorizações/paisagens sonoras a partir de: a) histórias contadas; b) leitura ou figuras de livros ou fotos; c) vídeos, retirando-se o som original; d) criar situações sonoras/sonorizações (exemplos: sons da noite; amanhecer na fazenda; trânsito da cidade; selva; sons da escola; chuva/tempestade etc);
> - Criar melodias para algum poema; Criar letras para alguma melodia; Criar canções completas;
> - Trechos de improvisação instrumental durante alguma peça musical;
> - Estruturação sonora: explorar e organizar sons, produzidos por mãos e boca; ou por objetos ou instrumentos; ou produzidos por papel; etc
> - Criação de percussão corporal e/ou instrumental e posterior aplicação em canções e arranjos desenvolvidos na turma;
> - Jogos improvisativos: criar ritmos ou sons para os colegas imitarem/reproduzirem; roda de ostinato-improvisos; jogos de pergunta-resposta; diálogos sonoros (FERNANDINO, 2015, p. 4-5).

Certo dia ao fazer o percurso da escola até a casa onde acontecem as oficinas, onde tínhamos como trajeto a passagem por um parque com extensa área verde, tive a

oportunidade de desenvolver com uma das turmas uma atividade a partir da paisagem sonora do local: eles deveriam fazer todo o percurso com o máximo de silêncio, procurando escutar os sons que estavam em volta com muita atenção. Ao chegarmos à sala, solicitei aos alunos que descrevessem os sons ouvidos durante a caminhada auditiva, e que foram anotados no quadro (sons do vento balançando as folhas das árvores, pássaros cantando, crianças conversando, passos etc).

A próxima etapa foi construir com os alunos uma história que possibilitasse utilizar e organizar estes sons, tendo surgido, a partir daí, uma narrativa e sua nova paisagem sonora: o amanhecer, passando pelo trajeto dos alunos no parque, a chuva no momento em que eles retornavam para a escola e o anoitecer. Na continuidade do trabalho, o desafio passado aos alunos consistiu em encontrar possibilidades para a reprodução desses sons, por meio da voz, dos sons corporais, objetos e instrumentos musicais disponíveis na sala.

Os alunos então foram explorando as possibilidades e apontando as que melhor se encaixavam em cada trecho, como por exemplo: “o som dos pássaros pode ser feito com as teclas mais agudas do teclado ou até mesmo assoviando”, “os sons das crianças conversando e seus passos, podem ser feitos por nós mesmos”, “o som do trovão pode ser feito por batidas no surdo ou do bumbo da bateria”, “os sons do vento podem ser feitos pelos alunos assoprando”, “podemos fazer o som da chuva por meio da percussão corporal” etc.

Em seguida, organizamos quais alunos deveriam ficar responsáveis por cada som e a ordem a ser seguida. Foi nesse momento que tive a ideia de registrar o trabalho em um CD, fato que deixou os alunos bastante animados. Para isso, começamos o processo de elaboração e a ensaiar durante as aulas. Um arranjo de violão foi criado por mim para ficar de fundo na história, que foi escrita e narrada pelos alunos. Para a gravação da história-paisagem sonora, contamos com a participação do professor de informática da escola, por meio do *software* de gravação *Audacity* e emprego de microfones.

A gravação foi realizada em uma aula, e o clima nesse dia foi de muita empolgação por parte dos alunos, por ser o primeiro contato deles com um ambiente de gravação e pela ansiedade por ouvirem logo o resultado.

O processo de edição do CD foi feito na sala de informática e a confecção da capa também foi realizada na própria escola, contendo fotos dos alunos no parque e o texto da história-paisagem sonora criada por eles. A coordenação apoiou o trabalho e providenciou cópias dos CDs que foram entregues a seus criadores.

O trabalho com arranjos e composições dos alunos

Em outra fase, trabalhamos arranjos para algumas letras que os alunos fizeram, algumas realizadas coletivamente ou até de maneira individual, como o caso de um RAP composto por um dos alunos. Além do repertório trabalhado com as turmas, todo esse trabalho de criação era feito de maneira a ouvir o que os alunos tinham a sugerir, como por exemplo: “essa letra pode ser um Rock”, ou mesmo ideias sobre o estilo que desejavam, fosse um Funk ou um RAP. Nessa época, outro bolsista do projeto, aluno do curso de Composição da Escola de Música da UFMG, participava dando suporte aos bolsistas-professores sobre o trabalho de criação dos arranjos e composições dos alunos.

Durante as aulas, as letras eram aperfeiçoadas e os arranjos construídos, tudo isso em conjunto, envolvendo alunos e professores-bolsistas. Junto a esse trabalho de criação, os alunos recebiam orientações sobre o aprendizado técnico dos instrumentos que iriam tocar e também sobre o canto e a questão melódica. Tudo de forma simples, mas que possibilitasse dar vida às suas composições.

O trabalho musical dos alunos era avaliado por meio de gravações realizadas no aparelho celular. Eram abertas discussões sobre os aspectos que não os agradavam e os mesmos eram estimulados a encontrar soluções para superarem algum problema detectado. Em meio a esse processo, novos conhecimentos e terminologias musicais iam sendo desenvolvidos. Ao ouvir um aluno dizer que a música está “vazia”, a ideia de textura era apresentada. Quando se falava que um instrumento não encaixava com os demais, a questão tímbrica poderia ser discutida. A característica de cada instrumento e a existência de limitação técnica por parte de alguns dos intérpretes muitas vezes eram percebidas já no processo composicional. Nesse momento, a aula permitia o enfoque na técnica instrumental. E não raro

os alunos se empenhavam mais no estudo do instrumento para que conseguissem realizar a ideia criada e almejada. Essas são algumas situações que exemplificam a vivência de aspectos importantes da criação musical em associação ao desenvolvimento da escuta, à prática instrumental e ao ensino de elementos teórico-musicais (FERNANDINO et al., 2016, p. 04-05).

As gravações realizadas no celular eram também levadas para as reuniões de orientação na Escola de Música, onde novas sugestões eram discutidas e novas ideias eram levadas para as próximas aulas na escola. Na concepção do projeto *Oficina de Música: Escola Integrada*, o trabalho de criação deve dar voz aos alunos através de suas composições, aliado ao aprendizado de instrumentos (dentro dos limites do contexto), e à apreciação de gêneros musicais preferidos e também desconhecidos pelos alunos, possibilitando aos mesmos oportunidades de se tornarem mais motivados e ativos.

O CD *Música na Integrada*

Em 2016 fomos solicitados a apresentar na festa junina da escola e, nesse momento, eu já estava construindo com os alunos arranjos dentro do gênero Baião com duas canções: “Peixinhos do Mar”, de domínio público, e “Asa Branca”, composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Optamos em apresentar “Peixinhos do Mar”, cujo arranjo foi organizado da seguinte forma: Sessão 1: tema; Sessão 2: jogo de improvisos a partir de ostinatos; Sessão 3: retorno ao tema.

A partir da apresentação realizada (Figura 1), ocorreu um fato interessante. Um dos alunos, bastante empenhado em aprender violão, vinha encontrando dificuldades em casa, pois a mãe o impedia de usar o violão da família, com receio do filho danificar o instrumento. Após assistir a participação do filho no grupo instrumental esta mãe mudou de atitude e passou a liberar o instrumento em casa para que seu filho pudesse estudar. Também observei o interesse de mais alunos em participar do grupo após essa apresentação.

Essa passagem traz uma reflexão interessante, pois é possível verificar que não há necessidade de se abandonar o trabalho de sala de aula para atender às festas escolares. Nota-se que os jogos improvisativos, trabalhados didaticamente em aula, entraram no arranjo da

canção apresentada. Além disso, ressalta-se a importância desses momentos para a integração com a comunidade escolar e familiar, bem como para a divulgação e a valorização do trabalho artístico como bem cultural.

FIGURA 1 - Apresentação na festa junina da escola

Fonte: foto de autoria do autor

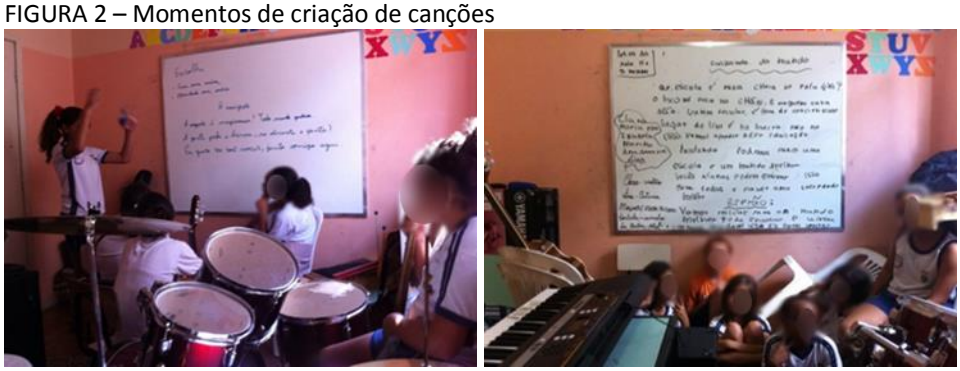
Animado pela repercussão da apresentação, verifiquei que poderia aproveitar as músicas já trabalhadas e composições dos alunos para a gravação de um novo CD. Na discussão com os estudantes sobre o que seria necessário para a gravação a animação foi contagiante. Além das canções do repertório, já possuíamos um RAP de um dos alunos, com o título “100% Fé”, cuja letra fala sobre conselhos dados a um amigo, e alguns rascunhos de letras, com ideias melódicas que eles costumavam me mostrar.

Foi então que, certo dia, notando que a escola estava com o pátio bem sujo, solicitei aos alunos que tentassem compor uma letra conscientizando a toda escola sobre a poluição ao meio ambiente. Com as ideias sugeridas pelos alunos, um rascunho com a letra praticamente pronta foi elaborado já no primeiro dia de trabalho. Assim, surgiu a canção “Cuidando do Mundo”, que assim diz:

Que escola é essa, cheia de poluição?
O lixo só fica no chão e ninguém cata, não
Vamos reciclar, é hora de conscientizar
Lugar de lixo é na lixeira e não no chão
Vamos aprender a ter educação
Reciclando podemos fazer um mundo melhor
Vocês, alunos, podem ensinar isso pra todos

E fazer uma sociedade melhor
Refrão: Vamos reciclar, para um mundo melhor
Todos encontrar uma vida mais saudável
Isso eu posso apostar
Isso eu posso apostar

FIGURA 2 – Momentos de criação de canções



Fonte: fotos de autoria do autor

Aos poucos fomos construindo o arranjo da canção e trabalhando com o aprendizado técnico dos alunos, principalmente dos que nunca haviam tido experiência anterior com instrumentos musicais. Num processo de cooperação entre alunos e professor, a melodia da composição foi sendo composta e adequada à letra. Com minhas intervenções, uma harmonia simples contendo três acordes foi criada e, a partir dessa base, começamos a trabalhar o que cada aluno deveria executar. Ensinei os acordes aos alunos nos dois teclados e nos violões, e ritmos na bateria, surdo e *cajón*. Para o triângulo e flautas doces, contei com a ajuda de alguns alunos que já tinham vivenciado esses instrumentos. E, quanto ao canto, fomos trabalhando aos poucos, dia após dia, pois, de início, vários alunos ainda tinham certa dificuldade com o contorno melódico.

Para as outras composições o trabalho se procedeu de forma semelhante. E quando constatei que os arranjos já estavam bem consistentes, comuniquei à coordenação que precisaríamos de algumas datas para realizar as gravações, e que eu levaria uma pessoa que possui o equipamento e a experiência em gravar e mixar para nos ajudar. O material para as gravações consistiu em utilizar os instrumentos da escola, captados por alguns microfones apropriados, um computador com o *software* de gravação *Reaper* e uma interface de áudio.

Nos dois dias de gravação (Figura 3), gravamos cada instrumento separadamente, tendo uma base de violão e arranjos de teclado que eu previamente havia feito em casa, acrescida de uma marcação com um metrônomo, como referência e guia para os alunos em cada música. Fiquei responsável por gravar alguns arranjos também, na guitarra, alguma base de violão ao fundo para somar às harmonias feitas pelos alunos e breves incursões ao teclado. A parte vocal foi gravada por último, ficando um microfone suspenso para captar as vozes de todos os alunos.

Estes foram momentos que possibilitaram aos alunos vivenciarem todo o processo de gravação de um CD e eu aproveitava para conscientiza-los sobre a importância de valorizarem um disco gravado por um artista, devido a todo o trabalho empregado para se ter um resultado satisfatório.

FIGURA 3 – Momentos de gravação

Fonte: fotos de autoria do autor

Após finalizado todo o processo de gravação e realizarmos a parte de mixagem dos áudios, foram elaborados a capa e encarte do CD, contendo as imagens dos alunos durante as gravações, as letras, a ficha técnica e agradecimentos, além da criação da arte para a capa (Figuras 4 e 5).

FIGURA 4 – Encarte do CD (letras e ficha técnica)

Cuidando do Mundo
Composição da letra e melodia: Ana Clara/Caio Augusto/Fernanda Gama/Gabrieli Oliveira/Isabella Alves/Maria Eduarda/Marina Vieira/Saulo Alvarenga

Que escola é essa, cheia de poluição?
O lixo só fica no chão e ninguém cata, não
Vamos reciclar, é hora de conscientizar
Lugar de lixo é na lixeira e não no chão
Vamos aprender a ter educação
Reciclando podemos fazer um mundo melhor
Vocês, alunos, podem ensinar isso pra todos
E fazer uma sociedade melhor

Refrão: Vamos reciclar, para um mundo melhor
Todos encontrar uma vida mais saudável
Isso eu posso apostar
Isso eu posso apostar

Ficha técnica:
Vozes: Ana Clara/Fernanda Gama/Isabella Alves/Gabrieli Oliveira/Maria Eduarda/Marina Vieira
Violões: Maria Eduarda/Douglas Domingos
Ganzá: Maria Eduarda
Pandeirola: Maria Eduarda
Xilofone: Marina Vieira (Arranjo do Caio Augusto)
Teclado (órgão): Ana Clara
Teclado/intro (caixinha de música): Douglas Domingos
Teclado (piano): Marina Vieira
Surdo: Gabrieli Oliveira
Contrabaixo elétrico: Douglas Domingos

100% Fé
Compositor: Ronan

Se liga meu amigo, preste muita atenção
Eu mudei minha vida, mude a sua então
Preste atenção! Não se esqueça!
Não pare de lutar e levante sua cabeça
Não pare de lutar, descruze os braços e vai
Porque Deus está contigo, ele não te esquece jamais
Não faça o que eu faço, só faça o que eu digo
Foco, força e fé, e confie em Jesus Cristo
Pare pra pensar, olhe e veja bem
Quem tem Deus no coração, amigo, não tem pra ninguém
Eu fiz essa batida com toda dedicação
Para mostrar para o mundo que eu tenho disposição
Eu te mando o papo reto, que é na moral
Descubra o seu dom, mas não use para o mal
Descubra o seu dom e use para o bem
Minha batida fica aqui, em nome de Jesus, amém!

Ficha Técnica:
Voz: Ronan
Bateria funk: Robson Utsch
Teclado (piano): Douglas Domingos

Peixinhos do Mar

Compositor: Tavinho Moura
Arranjo dos alunos com improvisos: Cauã/Débora Gama/Giovana/Gustavo/João Victor/Liandra/Luana/Nicole/Rafael Bacelar

Ficha Técnica:
Bateria: João Victor
Violão: Giovana/Douglas Domingos
Teclado (piano): Liandra
Cajon: Cauã
Xilofone: Débora Gama
Flauta doce: Rafael Bacelar
Surdo: Luana
Triângulo: Gustavo
Guitarra/Contrabaixo elétrico: Douglas Domingos

Asa Branca

Compositor: Luiz Gonzaga
Arranjo: Cauã/DéboraGama/Gustavo/João Victor/Luana/Rafael Bacelar
Ficha Técnica:
Surdo: João Victor
Triângulo: Gustavo
Violão, guitarra, contrabaixo elétrico: Douglas Domingos
Teclado (melodia de flauta harmonizando com a flauta doce original, aos 01:22seg): Douglas Domingos
Teclado (melodia de acordeom ao final.
Música Incidental: Baião/Luiz Gonzaga): Douglas Domingos
Pandeirola: Cauã
Flauta doce: Rafael Bacelar
Xilofone: Débora Gama
Bateria Funk: Robson Utsch

Fonte: fotos de autoria do autor

Trinta cópias desse CD foram produzidas e distribuídas a todas as pessoas que participaram direta ou indiretamente do processo de criação.

Figura 5 – Artes da capa e rótulo do CD e parte do encarte com fotos da gravação

Fonte: fotos de autoria do autor

Para mim, foi um grande aprendizado e muito gratificante poder realizar esse trabalho de construção musical com os alunos, possibilitando a eles se sentirem mais importantes no meio onde vivem, se expressando socialmente por meio das suas composições e, ao final de tudo, poder ver a sensação de felicidade em cada rosto.

FIGURA 10 – Entrega dos CDs para os alunos

Fonte: fotos do acervo do autor

Considerações Finais

Esse relato de experiência teve como objetivo demonstrar a possibilidade de um trabalho musical efetivo e criativo no âmbito escolar, buscando refletir e apontar alguns aspectos considerados fundamentais para o bom êxito das propostas a que o projeto se propôs a alcançar.

Um desses aspectos é a relação entre políticas públicas e a parceria institucional, representada aqui pela relação entre a UFMG e a SMED. E no âmbito específico do projeto, o diálogo entre as coordenações do projeto e das escolas municipais envolvidas como uma estratégia de entendimento e de aperfeiçoamento do trabalho. Exemplos da efetividade dessa boa comunicação foram: a mudança de mentalidade por parte da escola quanto à aquisição de instrumentos musicais; o remanejamento no número de alunos por turma; um melhor entendimento da Arte para além da recreação, apoiando as práticas desenvolvidas.

Outro ponto a ser citado são as reflexões e as estratégias desenvolvidas nas reuniões de orientação e na disciplina *Planejamento B: Musicalização no Ensino Fundamental* estabelecendo trocas entre a academia e as demandas da dinâmica escolar.

Sobre a criação, foco deste trabalho, cabe destacar as práticas que proporcionaram aos alunos se expressarem por meio de suas criações de maneira gradativa, a saber: jogos musicais e de interação entre os alunos; momentos de apreciação musical, atividades de improvisação; criação de arranjos e composições próprias. Constata-se, dessa forma, ser possível ampliar a bagagem musical dos alunos sem deixar de trabalhar um repertório que inclua a criatividade e a identidade cultural dos mesmos. É importante mencionar, ainda, o aspecto afetivo que permeou as experiências vivenciadas, a motivação e o senso crítico que lhes foi estimulado em relação à música, principalmente nos momentos das práticas de criação, onde foi possível perceber, após um tempo, que os alunos já se sentiam mais livres para criar e para expressar opiniões. Assim, na "óptica da aprendizagem criativa", em acordo com Beineke (2012, p. 56), mais do que produtos elaborados em aula, importam as atividades colaborativas entre "seres humanos que se escutam e aprendem uns com os outros", possibilitando uma formação mais humana, e contribuindo para a "formação de pessoas mais sensíveis, solidárias, críticas e transformadoras".

Finalizando esse relato, é preciso não perder de vista que o Brasil tem muito a avançar em termos de políticas públicas para a Educação Básica. Mesmo havendo iniciativas como a que foi aqui relatada, envolvendo instituições de porte, verificamos a necessidade de um maior entendimento e aprofundamento dessa questão pelas partes envolvidas. E mesmo já havendo leis que "garantem" o conteúdo artístico no âmbito escolar, constatamos que os caminhos ainda precisam ser trilhados paulatinamente, no cotidiano escolar, para a construção de propostas mais efetivas e consistentes. Propostas estas que, se somadas, possam vir a contribuir, de fato, para erigir no país o que apenas a letra fria das leis ainda não alcançou.

Referências

BEINEKE, Viviane. *Aprendizagem criativa e educação musical: trajetórias de pesquisa e perspectivas educacionais*. Educação, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 45 – 60, jan./abr. 2012.

DOMINGOS, Douglas A. *Processos de Criação musical no Projeto Oficina de Música: Escola Integrada*. 53f. Monografia (Graduação em Música/Licenciatura). Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017.

FERNANDINO, Jussara; SALES, Brennda; DOMINGOS, Douglas; MACEDO, Matheus; OLIVEIRA, Levy. *Música e Educação Básica*: Processos criativos do projeto Oficina de Música-Escola Integrada. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), (26.), 2016, Belo Horizonte.

GUIMARÃES, Marília; GEBARA, Tânia; PRAZERES, Luiz (Orgs). *A Universidade integrada à Educação Básica*: percursos da extensão da UFMG. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2010.

LEITE, Lúcia Helena A.; OLIVEIRA, Fernanda S.; MENDONÇA, Patrícia M. A Educação Musical como direito: concepções e desafios. In: GUIMARÃES, Marília; MAIA, Carla L.; PASSADES, Denise B. M. S. (Org). *Educação Integral*: contribuições da extensão da UFMG. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.